

n^o-1

ORACAM
FUNEBRE
NA SEQUELIAS

Do Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor
D. ESTEVAM DOS SANTOS
BISPO DO BRASIL

*Celebradas na Sé da Bahia a 14. de Julho
de 1672.*

DISSE-A

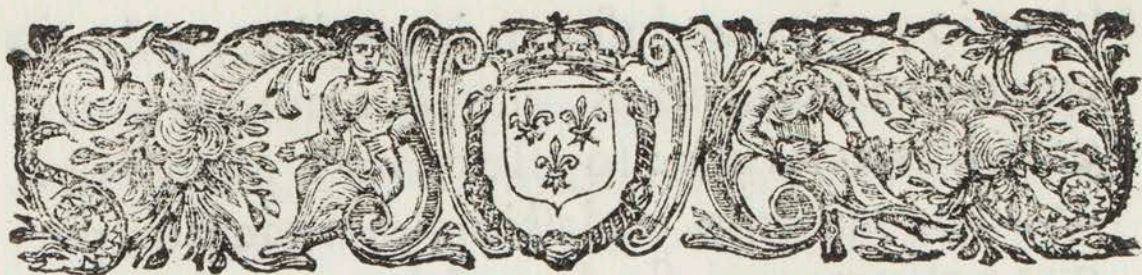
O P. M. EUSEBIO DE MATTOS
da Companhia de JESUS.



LISBOA OCCIDENTAL,
Na Officina de MIGUEL RODRIGUES
Impressor do Senhor Patriarca.

Anno de M. DCC. XXXV.

Com todas as licenças necessarias.



Cecidit corona capitis nostri: vae nobis, quia peccavimus. Thren. 5.



Aõ sey como dar principio a esta funebre oraçaõ. He a causa de nossa dor taõ vehemente, he taõ lastimosa a materia desta acçaõ, que para fallar neste dia com alguma propriedade, o melhor meyo fora naõ fallar; e para dar principio com algum acerto a esta oraçaõ, o melhor acerto fora naõ lhe dar principio. Para explicar de algum modo a grande força de nosso sentimento, devera eu hoje pregado a esta coluna, como estatua immovel, e de sentido como insensivel, cruzados os braços, suspensos os discursos, muda a lingua, embargada a voz, entre as evidencias da dor, e duvidas da causa, como attonito, e assombrado, encarecer nossa pena com o mesmo silencio, e declamar neste dia com a mesma suspensaõ. Só esse erigido tumulo, esse funesto apparato, esse triste mausoleo, que entre o lucto, e o

silencio, abrazandose em incendios, e derretendo-se em lagrimas, significa mudamente a grandeza desta dor: só esse tumulto poderá perorar dignamente na lastima desta acção; porque o assumpto deste dia não he materia para o discurso, se não só para o silencio, e passando do silencio, só se poderá fiar do pranto; porque este lastimoso assumpto melhor se explica com as lagrimas, que com as vozes: antes só se pôde explicar com lagrimas; porque só as lagrimas, com que se chora, são as eloquencias, com que se explica.

Nas exequias daquelle grande Confessor de Christo, o Protomartyr Santo Estevaõ, não faz o Texto menção de que se dicesse palavra alguma; só explica o muyto que se chorava:

Act. 8. *Curaverunt autem Stephanum viri iumorati, & fecerunt planctum magnum super eum.* Pois porque se não falla nas exequias de S. Estevaõ? Acabar a vida hum varaõ taõ santo, e taõ zeloso do serviço do Senhor era huma materia taõ digna de sentimento, que fora injuria da dor o chegar-se a dizer, e só lagrimas podéraõ ser interpretes de tanta dor. Que muyto logo que naquellas exequias nada se dicesse? Que muyto que tanto se chorasse? Naquellas exequias de Santo Este-

Estevão havia muyto que dizer, e havia muyto que sentir: havia muyto que dizer em louvor de sua vida, e havia muyto que sentir na magoa de sua morte. A vida como taõ ajustada pedia que se louvasse; a morte como taõ lastimosa pedia que se sentisse. Mas como a mesma fantidade da vida apurava muyto mais a magoa da morte, o sentimento da morte emudeceo os louvores da vida. Por isso naquellas exequias nada se dizia; por isso alli sómente se chorava: *Et fecerunt planctum magnum super eum* Supposto pois que nas exequias de hum S. Estevão se suspendéraõ as vozes, e sómente se soltáraõ as lagrimas, razão parece fora, que aquelles, a quem não sómente o nome, mas ainda as acçoens fizeraõ taõ parecidos, nossa dor os fizesse na magoa tambem semelhantes, e que com o mesmo silencio, e pranto se celebrassem as exequias do Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor D. Estevão dos Santos de sempre saudosa memoria, dignissimo Prelado deste estado do Brasil. Bem verdade he; que os grandes merecimentos de sua religiosa vida pediaõ que em seu louvor se empenhasse agora toda a eloquencia, e que em taõ glorioso assumpto se apurasse toda a discrizaõ; porém a lastima de
sua

sua morte impede os louvores de sua vida. E como a dor desordena o juizo, como o sentimento atropella o discurso, e a pena embarça a voz, não era hoje dia, em que se houvesse de fallar, porque he dia sómente de emmudecer: só as lagrimas deveraõ ser a Rhetorica deste dia, e só o coração distilado pelos olhos podia ser o estylo desta acção.

Com tudo, já que he forçoso fallar, fallarey sem methodo, e sem discurso: o mesmo desconcerto de minhas palavras será a lingua de minha dor, a mesma equivocação de minhas vozes será a voz de meu sentimento; só me explicarey com me não saber explicar; e só encarecerey a grandeza de nossa dor, não acertando a dizer sua grandeza. As lagrimas seraõ os conceytos, os palmos seraõ as acçoens, o sentimento será o assumpto, o desconcerto será o estylo, as suspensoens seraõ os periodos, e os soluços seraõ as palavras. Oh que grave, que profunda materia a de nossa dor, onde se rompe o silencio, se descompõem o discurso, e onde a voz, que menos acerta, he a eloquencia, que melhor se explica!

Nas antevesperas da sua morte poz Christo os olhos na Cidade de Jerusalem, e vendo, que
dalli

dalli a poucos dias ficaria sem o seu divino Prelado, arrazados os olhos em lagrimas, rompeo nestas palavras: *Quia si cognovisses & tu, & quidem in hac die tua, quæ ad pacem tibi.* Luc. 19. 42. Querem dizer: Porque se conhecesses tu, e na verdade neste teu dia as cousas, que para a paz a ti. Ahi ha palavras mais desatadas! E que querem dizer estas palavras? Quanto á letra nada querem dizer; porém quanto significação menos, tanto significação mais; porque tanto mais sentido se mostrava o Senhor, quanto suas palavras faziaõ menos sentido. Queria o Senhor naquella occasião explicar a perda, que teria Jerusaleem na morte de seu divino Prelado; e como quem entendia, que taõ lamétavel perda se naõ havia de explicar tãto com as vozes, como com as lagrimas, começou amargamente a chorar a desgraça de Jerusaleem: *Videns civitatem, flevit super illam.* Depois de se explicar com as lagrimas, quiz o Senhor explicar-se tambem com as vozes; mas vendo que se as palavras fizessem algum sentido, naõ explicariaõ bem o seu sentimento, que fez? Cortando o fio das palavras, interrompendo a ordem dos discursos, começou a fallar, atropellados os periodos, e de industria truncadas as razoens de tal sorte, que cada

da sentença, que dizia, interpollava com os gemidos, e cada clausula, que principiava, interrompia com os soluços: e por este modo quanto menos dizia, tanto mais se explicava, porque tanto mais efficaçmente encarecia a força de sua dor, quanto mais dolorosamente cortava o sentido de sua exclamação: *Quia si cognovisses & tu, & quidem in hac die tua, quae ad pacem tibi.*

Nesta mesma conformidade pondo os olhos nesta Cidade triste pela morte de seu S. Prelado, depois de sentir seu infortunio com lagrimas, seja embora possível que nos expliquemos tambem com vozes: mas com vozes tão mal articuladas, e com palavras tão mal proferidas, que a mesma falta de seu sentido seja a alma de nosso sentimento. Antes porque nem ainda me occorrem palavras proprias, explicarey nossa dor com palavras alheyas, que são as que citey por thema: *Cecidit corona capitis nostri: va nobis, quia peccavimus.* São estas palavras do Profeta Jeremias, com as quaes lamentava o sentido Profeta a desgraça de Jerusalem na lastima de sua destruição. Porém, se me eu não engano, com muyto mayor razão podemos nós lamentar nossa desgraça com estas
mes-

mesmas palavras: *Cecidit corona capitis nostri*. Que bem que diz que nos cahio a coroa! Este nome glorioso de Estevão vale o mesmo que coroa: logo sepultandose o Illustrissimo Senhor D. Estevão, bem diz que cahio, e deo comfigo por terra aquella illustre coroa: *Cecidit corona: Corona capitis nostri*. Diz que era coroa de nossa cabeça. Bem diz; porque se esta preciosa coroa honrava magestosamente esse dilatado corpo de todo o estado do Brasil; com tudo mais particularmente estava assentada a coroa nesta Cidade da Bahia, illustre cabeça de todo esse dilatado corpo. Logo bem diz, que cahio a coroa da nossa cabeça: *Cecidit corona capitis nostri*. Cahio pois esta coroa, e dando comfigo em terra, deyxou á terra com o golpe causa para a dor, e com o ruído voz para a queixa: *Vae nobis*. Nestas duas palavras se cifra toda a dor de Jeremias; e da mesma sorte toda a nossa dor se cifra em duas palavras: *Vae nobis*: Ay de nós! E porque causa? Porque *Cecidit corona capitis nostri, quia peccavimus*. A dor he huma só, porque he unica: *Vae nobis*; porém as causas são muytas: *Cecidit, Corona, Peccavimus*. Ora vamos ponderando cada huma destas causas, e veremos a grande razaõ de nossa dor.

B

Cecidit:

Cecidit. Não diz que se desfez a coroa, se não que cahio. Grande causa de nossa dor! Para desfazerse huma coroa he necessario tempo, e vagar: para cahir não he necessario tempo; porque o cahir he hum mal repentino, he hum infortunio não esperado. Pois essa he a causa de nossa dor, que a coroa se não desfizesse, se não que cahisse: *Cecidit.* Que aquella illustre coroa se fosse desfazendo com o tempo, tributo era da natureza; que depois de algum tempo acabasse a vida o Illustrissimo Senhor D. Estevão, pensão era da mortalidade: não duvido que se magoasse a alma; mas creyo que se comporia a razão. Porém que huma coroa taõ illustre apenas se collocasse sobre nossas cabeças, e que taõ de improviso cahisse! Oh que grande materia de nossa dor: *Vae nobis!* Já lá parece se queixava o Esposo divino de que as flores na sua terra apenas apparecessẽ, e que no mesmo tempo espirassem: *Flores apparuerunt in terra nostra; tempus putationis advenit.* Porém com quanta mayor razão se póde agora queixar a Esposa, do que entãõ se queixava o Esposo! A natureza das flores não ha duvida, que consiste em sua mesma brevidade; porque na mesma brevidade de sua duração parece que está en-

care-

carecida a grandeza de sua formosura. Pois que acabassem brevemente as flores, que muyto era, consistindo sua propria natureza em sua mayor brevidade? Mas que assim entre as mãos nos exhallasse huma coroa de diamantes com a mesma brevidade, com que se podéra murchar huma capella de flores! Pois se assim parece se queixava o Esposo de que na sua terra tão brevemente se murchassem as flores; com quanta mayor razão se poderá queixar a Esposa de que na nossa terra tão brevemente se gastassem os diamantes! Que acabasse a vida o nosso dignissimo Prelado, não he essa a mayor razão da minha queixa; força era que pagasse tributo a nossa mortalidade; mas que tão brevemente acabasse a vida, que tão de improviso o arrebatasse a morte! Esta he toda a razão de minha queixa: *Vae nobis*. Sendo Job aquelle raro exemplar de paciencia, chégou com tudo a queixarse do repente de sua morte: *Et sic* Job 10. *repentè præcipitas me?* Não se queixou da morte, queixouse do repente. E porque? Porque com o rigor da morte bem se póde conformar a razão; mas com a circumstancia do repente não se póde dissimular a queixa. Por isso para justificar a queixa, que fazia da morte, exaggerou

a circumstancia, que havia do repente: *Et sic repentè præcipitas me?* Pois se até hum Job, se até aquella coluna da paciencia, se até aquella estatua do sofrimento justificou a queixa da morte pela razão do repente; que muyto, que formemos nós a mesma queixa? Que muyto, tendo a mesma razão?

Ao menos se pela conformidade com a providencia divina não tivermos neste repente razão para a queixa; quem poderá duvidar, que temos grande motivo para a lastima? Que hum Prelado taõ rico de prendas, e de esperanças, a quem a consistencia da idade, e o vigor da natureza, a quem o numero dos annos, e o lustre dos merecimentos promettiaõ tanta duração, assim acabasse com tanta brevidade; que mayor causa para a dor? Que mayor motivo para o sentimento? Quando Deos mandou prometter a ElRey Ezechias, que lhe havia de dilatar os annos de sua vida, disse-lhe o Profeta, que para segurança de sua promessa escolhesse hum de dous signaes, ou que o Sol de repente se fosse pór, ou que de repente voltasse a nascer. E que escolheria o Santo Rey? Escolheo que voltasse

4. Reg.
20. 6. 10.

o Sol: *Facile est umbram crescere; nec hoc volo ut fiat, sed ut revertatur.* Reparo nesta eleyção de

Eze-

Ezechias. Se foy prodigio grande , que estando o Sol no meyo dia, de improvifo tornasse a seu Oriente, não seria igual prodigio, que do mesmo meyo dia de repente descesse a seu occaso? Pois logo porque não escolheo Ezechias, que o Sol se precipitasse de repente? Bem sey a razão, que o mesmo Ezechias apontou; mas eu imagino, que o não escolher Ezechias o occaso repentino do Sol, não he porque fosse menor maravilha, se não porque seria mayor lastima. Que estando o Sol no mayor auge de seus resplendores, retrocedesse a seus principios, em hum Planeta tão luminoso confesso que seria lastima; mas que esse mesmo luminoso Planeta estando em sua mayor altura equivocasse em hum mesmo tempo o trono com o tumulo, o luzimento com o lucto, a magestade com a sepultura! Que o mesmo Sol quando mais ardente entre os resplendores do meyo dia de improvifo se achasse sepultado entre as sombras do Occidente, quanto mayor lastima seria! Pois por isso não quiz o Rey, que tão de repente se despenhasse o Sol; porque ver morrer a hum Sol de repente he tão grande materia para a lastima, que nem ainda para segurança de sua dilatada vida quiz Ezechias ver em

em hum Sol taõ arrebatada morte: *Nec hoc volo ut fiat, sed ut revertatur.* Porém essa foy a nossa desgraça, que aquella fatal ruina, aquella arrebatada morte, e precipicio de hum Sol, que Ezechias não pode ver, tanto á custa de nosso sentimento chegassemos a experimentar.

Amanheceo a nossos orizontes, como luzidissimo Planeta, o nosso Illustrissimo Prelado e banhando este nosso hemisferio igualmente de alegrias, que de resplendores, apenas havia chegado ao meyo dia, quando de repente se achou no seu occaso; porque apenas o vimos gloriosamente collocado sobre o sagrado solio da Cathedra Episcopal, quando de repente vimos que se trasladava lastimosamente das honras para as exequias, dos titulos para os epitafios, do solio para o tumulo, e da Cathedra para a sepultura. Pois que lastima não causará este infortunio de hum Sol? A quem não causará lastima ver a hum Sol depois de taõ devidamente applaudido taõ repentinamente sepultado? Lastima seria (não duvido) que o Sol no tempo de Ezechias pelos mesmos passos, por onde havia subido a collocarse sobre sua esfera, por esses mesmos descesse a seu Oriente; mas quanto mayor lastima seria, se por esses mesmos descesse

cesse a seu occaso? Pois esse he o motivo da nossa lastima na morte do nosso Sol. Sahio o Illustrissimo Senhor D. Estevão do insigne, e religioso Mosteyro do Patriarca S. Bento a tomar posse nesta sua Cathedral com aquella pompa, que vimos, com aquelle triumpho, que nunca neste estado se havia visto, com aquellas demonstraçoens de alegria, que requerião as circumstancias da causa, e que não era muyto não podessem caber pelas ruas, quando nem ainda cabiamos dentro em nossos coraçoes; e quando levantavamos os olhos para admirar a altura daquelle novo Sol, que rayava ao nosso hemisferio, vimos de repente que pelos mesmos passos de seu triumpho caminhava seu enterramento; e que pelas mesmas ruas, por onde desde S. Bento até esta Sé entre vivas, e applausos veyo a tomar posse desta sua Cadeyra, por essas mesmas ruas desde S. Bento até esta Sé entre soluços, e lagrimas veyo a depositarse em huma sepultura. Póde haver mayor causa para a dor? Póde haver nem mayor motivo para a lastima, ou mayor razão para o sentimento?

E cresce muyto mais esta razão, considerando, que foy este bem taõ de repente perdido depois de tantos annos esperado; porque
como

como havia 24. annos que este Estado do Brasil não tinha Prelado, achavase sem Pastor, e sem remedio; e que depois de tão dilatadas esperanças, que depois de passar este Estado tantos annos sem Pastor, que chegasse finalmente o Pastor para de repente ficarmos no mesmo estado! Que fosse tão esperada a ventura para ser a perda tão inesperada! Tão largos annos para a esperança, tão poucos dias para a posse! Que mayor causa para a dor? Morreo Raquel na primavera de seus annos, e verdadeyramente sempre será sua morte motivo de nossa lastima não só pela brevidade, com que morreo, se não porque se vio aquella tão celebrada formosura tão pouco tempo lograda depois de tantos annos pertendida. E com tudo com ser a morte de Raquel tão digna de lastima, e de sentimento, he cousa notavel, que nenhuma menção faça a Escritura nem das lagrimas, nem do sentimento de Jacob na morte de Raquel. Pois como assim? Havemos de persuadirnos, que na morte de sua querida Raquel deyxaria de chorar Jacob? Seria possível que aquelle exemplar de amor, e de firmeza, aquelle, que pela sua Raquel depois de sete annos de serviço se sacrificou novamente ao trabalho de outros tantos

tantos annos, conservando seu amor entre a esperança, e o receyo, sempre affligido, mas sempre constante a pezar da fortuna, e da experiencia, a pezar das dilaçoens do tempo, e dos enganos de Labaõ; aquelle finalmente, que por ella obrára tantas finezas em sua vida, seria possível, que não derramasse huma só lagrima em sua morte? Não parece possível. Pois logo como não faz menção a Escritura do sentimento de Jacob na morte de Raquel? Entendo que o não declarou a Escritura, ou porque por infallivel se devia suppor, ou porque por immenso se não podia declarar. Havia referido a Escritura quatorze annos de serviço, que gastara Jacob nas pretensões de Raquel; havia referido tambem que morrera Raquel na primavera de seus annos; e havendo-nos já dado estas noticias, havendo-nos dito, que Jacob depois de humas esperanças tão prolongadas perdera tão brevemente o logro de suas esperanças, que necessidade tinha a Escritura de explicarnos sentimentos de Jacob? He tão grande, he tão individuo o sentimento, que causa a perda daquelle bem, que foy brevemente possuido depois de largamente esperado, que ou se não deve esperar por se não diminuir em sua

grandeza, ou ao menos se deve suppor por se não duvidar em sua obrigação. Pois como a morte de Raquel foy perda daquelle bem, e daquelle adorada formosura, que Jacob por tantos annos esperou, e por tão pouco tempo possuhio, por isso a Escritura sagrada passou em silencio o sentimento de Jacob na morte de Raquel; porque ou por immenso se não podia explicar, ou por infallivel se devia suppor.

Estas mesmas razoens, que havia para apurar o sentimento de Jacob, estas mesmas, e se me não engano, com circumstancias muyto mais crecidas concorrem hoje para nosso sentimento. Porque assim como Jacob perdia hum bem, que tanto pertendeo, e tão pouco logrou; assim tambem nós perdemos hum bem tão vagaroso em quanto esperado, tão accelerado depois de perdido, que depois de tardar tanto, que se fez duvidoso na esperança, perseverou tão pouco, que quasi não durou na possessão. Disse que para este sentimento são em nós muyto mais crecidas as circumstancias; porque primeyramente Jacob esperou quatorze annos sómente; e nós esperámos vinte e quatro annos. Sobre isto Jacob como aliviava o mal da tardança com a vista do mesmo bem, que esperava,

ya,

va, os annos lhe pareciaõ dias: mas a nós, como a distancia, e a difficuldade do bem, que pretendiamos, apurava o mal da tardança, os annos nos pareciaõ eternidades. Mais. A Jacob, posto que a posse lhe durou por breves tempo, com tudo lhe chegou ainda a durar por alguns annos; porém a nós apenas nos chegou o bem a durar por alguns dias; porque verdadeyramente nos não concedeo a fortuna tempo para possuirmos aquelle bem, que gozavamos, senão só quanto foy bastante para vermos o bem, que perdiamos. Ultimamente Raquel era a que estava morta, e a que se havia de chorar; o pastor era o que ficava vivo, e o que havia de sentir: e na nossa perda a morte he do Pastor, e o sentimento he de Raquel. Pois com quanto mayor ternura, e com quanto mayor sentimento chorará Raquel a morte do seu Pastor? Quanto mais copiosas, e quanto mais naturaes seraõ as lagrimas nos olhos de Raquel? Se o Pastor he o que se sepulta, se Raquel he a que se lamenta, quem duvida que seraõ suas lagrimas tanto mais naturalmente nascidas, quanto mais justamente derramadas? Que aquelle vigilantissimo Pastor, que foy esperado com tanta dilacão, acabasse a vida com tanta brevidade!

Que aquella illustre coroa se não desfizesse, se não que cahisse: *Cecidit*; oh que justa causa tem Raquel para chorar: *Raquel plorans*: Oh que torçosa razão tem as ovelhas para gemer; *Vae nobis!*

Corona capitis nostri. Esta he a segunda causa de nossas lagrimas, ser o objecto, que choramos, a coroa de nossas cabeças: e verdadeiramente assim o devemos considerar, não só porque este nome de Estevaõ quer dizer coroa, se não porque com toda a propriedade se deve chamar nossa coroa o Illustrissimo Senhor D. Estevaõ. E se não, de que se compõem huma coroa? Compõemse do ouro mais fino, e das pedras mais preciosas: pois que outra cousa foy o Senhor D. Estevaõ, senão hum composto de ouro, e de pedraria? Comecemos pelo ouro. As partes, que tanto acreditaõ este tão idolatrado metal, são (como todos sabem) o puro, o qualificado, o pezo, a brandura, o esplendor. E quem não conheceo estas mesmas prendas naquelle por todos os titulos sugeyto aureo o nosso Illustrissimo Prelado? Quem nelle não conheceo o puro da consciencia, o qualificado do sangue, o pezo da prudencia, a brandura da condicão, o esplendor do nascimento? Mandou Deos que sobre o Propiciatorio se collocassem
dous

dous Anjos , e mandou que estes se fabricassem de ouro: *Duos queque Cherubim aureos ex utraque* ^{Exod. 25. 18.} *parte.* Parece que nos quiz dar a entender , que assim como são espiritos puros os Anjos , que se creáraõ no Ceo , assim tambem são feytos de ouro os Anjos , que se formaõ na terra. E se assim he , quem haverá , que experimentando a policia , e affabilidade do Senhor D. Estevão , não haja de publicar, que na natureza foy hum Anjo? Quem haverá , que sabendo da Angelica pureza , que perpetuamente observou , não haja de confessar , que na continencia foy hum Serafim? Desgraça foy grande, que assim como soube imitar aos Anjos nas propriedades da natureza , lhes não podesse usurpar os privilegios da immortalidade. Mas não ha duvida , que se não foy Anjo nos privilegios , que o foy com tudo nos attributos; pois se são formados de ouro os Serafins cá da terra , que muyto que diga eu , que foy o Senhor D. Estevão hum Prelado todo de ouro? Prezese muyto embora, e jacte-se a Esposa dos Cantares , de que fosse fabricada de ouro a cabeça de Salamaõ seu Esposo: *Caput ejus aurum optimum:* que esta Cathedral tem ^{Cantic. 5. 11.} que sentir o haver perdido hum Esposo todo de ouro , e ouro de todos os quilates , por sua
con-

continencia muy puro , por sua Religiaõ muy lustroso , por sua prudencia muy pezado , por sua indole muy brando, por sua dignidade muy subido , por sua ascendencia muy qualificado.

E passando do ouro para as pedras preciosas , quem deyxou de conhecer , que foy o Senhor D. Estevaõ lustroso , e soberano engaste das pedras de mais valor? Porque quem deyxou de experimentar , que daquella virtuosa alma foraõ riquissimo adorno as prendas de mayor estimação? Hum dos principaes ornatos, de que se compunha a vestidura do summo Sacerdote por ordem do mesmo Deos , era o Racional , aquella joya, que ornava o peyto do Sacerdote, para significarnos , que hum perfeyto , e excelente Prelado deve trazer impressas na alma as virtudes , que representavaõ aquellas pedras , que trazia no peyto. Eraõ ellas, segundo o Texto, e algumas Exposiçoens, o Rubim, o Topazio, a Esmeralda, o Carbunculo, a Safira, o Diamãte, o Jacinto, o Achate, o Amethysto, o Chrysolito, a Sardonica , e o Berillo. O Rubim por sua ardente chama significa o zelo da Religiaõ , e amor para com Deos : o Topazio , por ter qualidades contra a colera , insinua a moderação para consigo: o Carbunculo, por communicar
luzes

luzes ás trevas, representa a liberalidade para cõ os pobres : a Esmeralda (como tem mostrado a experiencia) he symbolo gentil da castidade: o Diamante, como está publicando sua dureza, he precioso emblema da constancia : a Safira, celeste toda na cor, e na formosura, representa a contemplação celeste: o Jacinto tão suave de aspecto he divisa da misericordia : o Achate tão salpicado de sangue he figura da justiça: o Amethysto pela decencia da cor, com que resplandece, he imagem da modestia : o Chrysolito pela semelhança do mar, que representa, he jeroglyfico da capacidade : a Sardonica, pedra especular, e a quem nada se encobre, he espelho da vigilancia : e o Berillo finalmente, que quanto mais pallido, tanto mais precioso, he retrato da penitencia. Estas eraõ as virtudes mais heroicas, e os attributos mais relevantes de hum perfeyto Prelado, que estavaõ cifrados enigmaticamente nas pedras do summo Sacerdote ; sobre as quaes estavaõ distintamente esculpidos os nomes dos filhos de Jacob ; a meu ver naõ só para que aquellas letras representassem as doze Tribus, se naõ para que entendessemos, que em hum perfeyto Prelado sobre o solido das virtudes assenta estremada-

madamente o profundo das letras.

Mas se estas são as virtudes, que constituem a hum Prelado cabalmente perfeyto, quem ha que deyxer de entender, que perdemos hum perfeytissimo Prelado? Porque quem ha, que nelle não visse em gráo heroico estas mesmas virtudes? Verdade he, que nos faltou tempo para as gozarmos; porém tempo nos sobejou para as vermos; porque as luzes para se darem a ver não necessitaõ de tempo. Bem vimos nesse pouco tempo, que o logramos, bem vimos, que o nosso dignissimo Prelado trazia gravadas na alma aquellas mesmas preciosas pedras, que o summo Sacerdote trazia dispostas no peyto; porque bem se deyxou de ver no solemnissimo Jubileo, que logo publicou, nas offensas de Deos, que logo divertio, na summa devoção, com que celebrava; no raro exemplo, com que vivia, na assistencia deste Coro, no recolhimento de sua casa, no trato de sua pessoa, na inteyreza de sua jurisdicção, na grandeza das esmolas, na moderação das licenças, no empenho, com que logo dispoz a reparação desta Sé, no zelo, com que logo tratou da reformação deste Estado, e finalmente em todas suas acçoens em todo o discurso de sua

sua religiosa vida, e muyto mais especialmente nas grandes circumstancias de sua santa morte bem se deyxou ver, que nelle realçavaõ superiormente para com Deos o zelo, o amor, a piedade; para comsigo a pureza, o sofrimento, a penitencia; para com os culpados a severidade, a fortaleza, a justiça; para com os arrependidos a capacidade, a prudencia, a misericordia; para com os grandes a affabilidade, mas com decoro; para com os pequenos a liberalidade, mas com recato; para com todos a magnanimidade sem fausto, a vigilancia sem oppressão, a doutrina com exemplo, a piedade com o rigor, e o rigor com a piedade.

E assim bem se deyxou ver, que eraõ nelle prodigiosamente seu zelo hum flammante Rubim, seu sofrimento hum firme Topazio, sua pureza huma preciosa Esmeralda, sua caridade hum generoso Carbunculo, sua devoção huma celestial Safira, sua fortaleza hum incontrastavel Diamante. Bem se deyxou ver, que era sua misericordia hum bello Jacinto, sua justiça hum ensanguentado Achate, sua modestia hum decente Amethisto, sua capacidade hum profundo Chrysolito, sua vigilancia huma transparente Sardonica, sua peniten-

D

cia

cia hum desmayado Berillo ; e sobre tudo isto, sobre todas estas pedras preciosas bem se deyxavaõ ver igualmente as letras ; porque sobre suas virtudes assentava ultimamente sua prudencia , e sua erudição. Oh com quanto gosto , e com quaõ devido affecto discorrera eu agora sobre este ponto ! Que de boamente ponderára as demonstraçoens de cada huma destas virtudes, e a superioridade de cada qual destas prerogativas ! Que plausivel assumpto para hum grave panegyrico ! Que gloriosa materia para huma levantada declamação ! Porém hoje he dia de sentir , e não de louvar ; porque empregada toda a alma em sentir as penas proprias , como poderia divertir-se em engrandecer as excellencias alheas ? Em outras honras funeraes costumaõ os oradores engrandecer , e louvar o objecto daquellas honras ; mas he que são estranhos os oradores, e como lhes não chega a tocar a magoa , podem satisfazer á lisonja. Porém como nesta occasião todos fomos a perder , e todos temos que sentir , a ninguem ficou livre o discurso para louvar o bem , que gosavamos ; porque somente se occupa o coração todo em sentir o bem , que perdemos.

Sendo pois certo , que o Illustrissimo Senhor

nhor D. Estevão foy hum composto de ouro, e de pedras preciosas, formado em circulo por sua perfeição, dividido em rayos por seu esplendor, e collocado sobre nossas cabeças por sua dignidade, e por nossa estimação; se he que não foy Zona celeste guarnecida de estrellas, que havemos de dizer, senão que foy coroa real sorteada de diamantes? Antes, como desde seus primeyros annos se começou a fabricar esta coroa na perpetua clausura, que em sua sagrada Religião santissimamente se observa, necessariamente havemos de dizer, que foy sem duvida coroa fechada, e coroa não sómente de sua nobre casa, não só de sua sagrada Religião, não só de todo o Estado do Brasil, mas que pôde contarse tambem entre as gloriosas coroas de todo o Reyno de Portugal. Mas sendo tambem certo, que aquellas pedras tão lustrosas se eclipsárao, que aquelle ouro tão resplendecente se escureceo, que aquelle diadema tão precioso se sepultou, e que deo comfigo em terra aquella coroa de nossas cabeças; quem duvida, que com justissima causa brota com lagrimas, e queixas a dor de nossos coraçoes? Quem duvida, que com toda a razão, e com toda a propriedade podemos romper naquellas mesmas

Thren. 4. queixas, que formava o Profeta Jeremias em semelhante occasião: *Quomodo obscuratum est aurum, mutatus est color optimus, dispersi sunt lapides sanctuarii?* Que he possível, que aquelle ouro taõ qualificado esteja taõ escurecido? Que he possível, que aquellas pedras de tanta virtude, e tanta estimação fiquem ahi lançadas por terra, e sepultadas com tanto deslustre, e tanto abatimento? He certo, que sempre a dor do que se chora, se costuma regular pelo preço do que se perde; porque quanto o bem, que se perde, he de mayor preço, tanto a dor, com que se chora, he de mayor custo. Pois se custa dor, e se causa lastima, que leve a morte ainda o mais vulgar, quanto mayor lastima causará, que com a mesma igualdade leve a morte até o mais precioso?

Pan. 4. Essa foy a mayor desgraça, que eu confidero em todo o tragico successo da estatua de Nabucodonosor. Fez a morte o tiro aos pés de barro, parece que de alguma sorte respeytando a cabeça de ouro. E com tudo igualmente cahiraõ ao golpe da morte o ouro, e o barro: *Tunc contrita sunt pariter testa, & aurum.* Esta sem duvida foy sua mayor desgraça; porque esta foy sua mayor perda. Que a morte arruinasse

se os pés, seja embora; mas que tambem a cabeça! Que se aniquilasse o barro, avante; mas que juntamente o ouro! Alli se vio como pelo preço do bem hia crescendo o custo do mal; e como pela avaliação da perda hia subindo a grandeza da desgraça. Começou a perda, e a desgraça pelo barro, continuou pelo ferro, passou ao bronze, subio á prata, e ultimamente chegou ao ouro: *Contrita sunt pariter ferrum, testa, aes, argentum, & aurum.* E aqui, aqui na ruina do ouro, onde a perda foy de mayor preço, aqui se poz á desgraça o ultimo remate: *Contrita sunt pariter testa, & aurum.* Até o ouro se perdeu entre os estragos preciosos daquella estatua, entre os despojos fataes daquella ruina, até o ouro se via desatado em cinzas: tambem se divisava até reliquias de ouro; pois ahi nessa mayor importancia da perda, ahi consistio todo o encarecimento da desgraça: *Et aurum.* Com razão se queixa logo, e se lamenta o Profeta Jeremias de que o ouro se escurecesse, e a pedraria se desperdiçasse; por isso na perda do ouro para o lamentar escurecido: *Obscuratum est,* o exaggerou qualificado: *Color optimus.* E na desgraça das pedras para chorar justamente seu deslustre, e seu abatimento: *Dispersi sunt lapides,*
des,

des, encareceo juntamente sua virtude, e sua religião: *Lapides sanctuarii.*

Bem justificada temos logo a razão de nossa queixa na causa de nossa dor, e bem evidente temos o justificado de nossa magoa no precioso de nossa perda; especialmente porque na perda, que choramos, não só temos que sentir o ouro, e a pedraria, que perdemos, se não o haver perdido o lustre, e a coroa, que se compunha desse ouro, e dessa pedraria. De maneyra que neste nosso sentimento, e nesta morte do nosso Religiosissimo Prelado não só fomos a perder o muyto, que por si valia, se não o muyto, que a nós nos autorizava. E assim que não só devemos sentir sua morte pelo que era em si, se não pelo que era para nós: não só pelo que era em si, se não pelo que era para nós: não só porque era em si hum sugeyto todo aureo, se não porque era para nós a coroa de nossas cabeças: *Corona capitis nostri.* He a romã expressa figura de huma Republica coroada; e he consequencia tão notavel, como infallivel, que quando a coroa da romã se abre, rebenta tambem a romã. Devido sentimento da natureza! Que natural, e que devidamente se segue aos destroços de huma coroa, e a
huma

humã coroa perdida humã Republica despedaçada! E que justamente rebenta de dor humã Republica, quando se lhe tira da cabeça humã coroa! Pois quando a romã fora sensitiva, ainda em nós havia mayor causa de dor, que na romã; porque a romã se perde a coroa, porque se despedaça, ao menos para seu alivio conserva em si mesma esses pedaços da coroa. Porém a nossa coroa não só estallou, se não que cahio; não só se perdeu, se não que se arrancou. E se a fortuna nos não concedeo, que para alivio da nossa dor ao menos conservassemos em nós os destroços de nossa coroa; se a coroa se arrancou de nossas cabeças; com quanto mayor razão devem rebentar em lagrimas nossos olhos, e de pena nossos corações? Por ser coroa sagrada, se póde (a nosso modo) comparar á coroa de Christo. E será possível, que a coroa de Christo se possa arrancar da cabeça sem magoa, sendo tão penetrante? Não está claro que ao arrancar-se necessariamente ha de sentir-se, e que ha de molestar necessariamente? Pois se a morte com tanta violencia nos arrancou das cabeças esta sagrada coroa; como era possível, que sem dor, e sem tormento se arrancasse de nossas cabeças humã coroa, que

que tantas raizes havia já lançado em nossas almas? E se temos tão grande causa de dor na coroa, que perdemos: *Cecidit corona capitis nostri*; quem duvida, que com grande razão nos queixamos: *Vae nobis?*

Quia peccavimus. Esta he a ultima causa de nossa dor; serem nossos peccados a causa de perdermos o Prelado, que perdemos; porque claro está, que huma perda de tão grande porte não podia ser, senão em castigo de nossos peccados. E verdadeyramente bem considerada a supposição, e a graveza desta causa, parece sem duvida, que entre todas as causas de nosso sentimento, que atégora ponderavamos, que esta deve ser a mayor de todas ellas. Antes imagino, que não só esta deve ser a mayor causa de todas, se não que esta só deve ser toda a causa. Assim no lo diz o thema, e assim no lo ensina a razão. E quanto ao thema, diz elle assim: *Cecidit corona capitis nostri: vae nobis, quia peccavimus.* Notem, que não applicou o Profeta as vozes do sentimento á perda, se não á culpa; porque não diz: Ay de nós, que cahio a coroa; se não: Ay de nós, que peccamos. De sorte que descrevendo o successo da coroa, não o lamentou, mas referio-o: *Cecidit corona capitis nostri.*

nostri. E quando foy a dizer, que a coroa cahira por nossos peccados, entã se lamentou: *Vae nobis, quia peccavimus*. Logo toda a razã de nossa dor deve ser sãmente a grandeza de nossa culpa. Assim o mostra tambem a razã; porque só a causa da perda he rigorosamente a causa da dor. O bem perdido, que se chora, nã he causa, he o objecto: a occasiã de se perder o bem, e o principio, porque se chora, esta he a causa. Pois como essa coroa perdida he o objecto, que choramos, e a causa, porque a choramos, he a mesma, porque a perdemos; sendo nossos peccados a total causa, porque chegamos a perder tã preciosa coroa; bem se segue, que toda a causa, porque devemos chorar, são nossos peccados: *Vae nobis, quia peccavimus*.

Parece que teve a morte do nosso Prelado (permittaõ-me fallar assim) algum modo de semelhança com a morte do Redemptor. Porque primeyramente assim como Christo nosso Senhor, conforme o que disse S. Paulo, tomou na arvore da Cruz a posse de seu Pontificado: *Christus autem assistens Pontifex per proprium sanguinem introivit semel in sancta*; assim tambem o Senhor D. Estevão tomou posse do

Ad Heb.
9. 11.

E

seu

Marc. 15.
44.

seu Pontificado nesta Provincia de Santa Cruz. E assim como Christo nosso Senhor depois de tomar posse da cadeyra da Cruz espirou com tanta brevidade, que causou admiração: *Pilatus autem mirabatur, si jam obiisset*; assim tambem o Senhor D. Estevão depois de tomar posse da sua cadeyra, acabou taõ brevemente o curso de sua vida, que nos teve suspensos, e confusos a brevidade de sua morte. Nem faltou na morte do Senhor D. Estevão para com todo este novo mundo aquelle universal sentimento, que em todo o mundo causou a morte de Christo Senhor nosso. Mas para que vejamos qual ha de ser a verdadeyra causa de nosso sentimento na morte do Senhor D. Estevão, já que são taõ semelhantes estas duas mortes, vejamos qual foy a causa, e a razão principal do sentimento, que houve na morte de Christo nosso Senhor. Não fallo das creaturas insensiveis, porque essas não fizeraõ aquellas demonstraçoens de sentimento por discurso, se não por milagre. Fallo das creaturas racionaes, fallo dos homens, que sentiraõ com razão; e pergunto: Qual foy a razão, porque sentiraõ? O Texto não nos explica a razão, senão só o sentimento; mas eu cuido, que o mesmo sentimento

mento nos explicou a razão.

Diz o Texto, que os homens, que hiaõ passando pelo monte Calvario, levantando os olhos para aquelle cruento espectáculo, e vendo cravado em huma Cruz, e feyto despojo da morte o Autor da vida, para significar a dor, que levavaõ nos coraçõens, batiaõ nos peytos: *Percutientes pectora sua, revertebantur.* Reparo nesta demonstraçaõ de sentimento, e fundo assim o meu reparo. O bater nos peytos he só final de arrependimento, não he final de compaixaõ: pois se todo o ser creado se mostra compadecido na morte do seu Creador, porque razão só os homens se não mostraõ compadecidos? Se o Sol se cobrio de luto, se o Ceo se escureceo de lastima, se as pedras rebentáraõ de dor, se a terra estremeceo de assombro, se finalmente todas as creaturas se compadecéraõ, e se magoáraõ, porque causa só os homens se não compadecéraõ? Porque causa só os homens não deraõ mostras de commiseraçaõ, se não só de arrependimento? Porque os homens na mesma demonstraçaõ de sua dor quizeraõ significar a razão principal de sua pena; e quizeraõ mostrar, que a causa, e razão principal de seu

sentimento não era tanto ver aquella morte, que Christo padecia por nossas culpas, quanto era ver, que nossas culpas fossem a causa de que Christo padecesse aquella morte. Naquelle mesma morte sacratissima de Christo tinhaõ os homes materia, de que podiaõ lastimarse, e de que deviaõ arrependerse. A excellencia da pessoa, que morria, e a brevidade, com que acabava, eraõ materia de lastima; os peccados, por cuja causa, e em cuja satisfação morria, eraõ materia de arrependimento. Porém entre estas razoens de dor havia esta razão de differença, que no mal da morte havia razoens de bem, e no mal do peccado tudo era mal. Que sendo Christo aquelle divino supposto, e nosso Pastor divino, acabasse taõ brevemente a vida, motivo era este, que os homens haviaõ chorar, não só por piedade, mas por obrigação: com tudo ainda esta dor podia ter seu alivio na consideração de que o mesmo Senhor na propria brevidade de sua morte lograva a acceleração de seu triunfo: porém que nossos peccados fossem toda a razão daquella morte, e o mais que he, que aquella mesma morte se contasse entre os nossos peccados! Que sendo Christo a mesma innocencia, e a summa san-

tida-

tidade; e que sendo nossa toda a culpa, houvesse de ser sua toda a pena! E que sendo tão enormemente a culpa dos homens, que não podesse satisfazerse condignamente menos, que com a morte de hum Deos! Esta era a materia, que os homens mais deviaõ chorar; porque este era o mal, que mais lhes devia doer. Esta era a dor, que deviaõ sentir sem alivio, porque o mal do peccado de nossa parte não tem outro remedio, que a propria dor. Pois porque os homens quizerãõ significar, que só esta grandeza de sua culpa era a causa de sua dor; e porque o arrependimento he a dor da culpa, por isso na morte de Christo se não doerãõ tanto como lastimados, quanto como arrependidos: e por isso não fizeraõ demonstraçoens de magoa, e deraõ sómente sinaes de contrição: *Percutientes pectora sua, revertebantur.*

Da mesma sorte nesta occasião, e nesta morte do nosso amado Pastor, e tão benemérito Prelado a causa principal de nosso sentimento não deve ser tanto a perda do Pastor, quanto a occasião da perda: nem tanto devemos sentir a brevidade de sua morte, quanto devemos chorar a grandeza de nossa culpa. Que sejaõ tantos, e tão graves nossos peccados,
que

que não merecêssemos para com Deos a felicidade de ter hum Prelado tão perfeyto! Que sendo tão ajustada sua vida, fosse tão apressada sua morte, e isto em castigo de nossos peccados: *Quia peccavimus!* Que mayor causa de nosso sentimento: *Vae nobis!* E cresce ainda mais a razão para sentir nossas culpas nesta morte do nosso Prelado; porque de tal maneyra foraõ nossas culpas occasião desta morte, que lhes não serve de remedio, mas só de castigo. Na morte de Christo posto que deviaõ sentir, que suas culpas fossem a causa daquella morte; com tudo como aquella santissima morte era o remedio de nossas culpas, se bem se deviaõ sentir muyto as culpas pelo que tinhaõ de commettidas, sempre se deviaõ sentir menos pelo que tinhaõ de remediar. Na morte do Senhor D. Estevaõ ha a razão do castigo sem o alivio do remedio: e assim não só devemos chorar nossos peccados como causa desta morte, se não que devemos sentir esta morte como castigo de nossos peccados. Só de David me lembra, que tivesse semelhante castigo. Mas que lagrimas não foraõ as de David? Propoz-lhe o Profeta Nathan os castigos, que lhe mandava Deos intimar pelo caso de Bethsabé, e

morte

morte de Urias; e sendo elles todos bem diversos, e bem rigorosos, o que chorou David, foy sómente que houvesse de perder a vida o filho, que houvera de Bethsabé: *Deprecatusque est David Dominum pro parvulo, & ingressus seorsum, jaccuit super terram, nec comedit cibum.* Pois porque razão sentio David este castigo mais que os outros? Antes porque razão sentio sómente este castigo? Porque nos outros castigos, se David era o castigado, tambem o culpado era David: e na morte do filho, sendo o culpado David, hum innocente era o castigado. Que muyto logo, que só por este castigo chore David? Que sendo a culpa de David, houvesse hum innocente de pagar por elle a culpa! E que em castigo de sua culpa succedesse a morte de hum innocente! Que castigo mayor para sentir? E que causa mayor para chorar? Pois ainda no sentimento, que podia causar a morte do filho de David, havia huma circumstancia, que podia diminuir o sentimento; porque, que os filhos paguem a culpa dos pays, tributo he dos filhos de Adaõ: que hum filho innocente pague com a vida o peccado do pay, não he esse o caso, que mais se deve estranhar; mas que hum pay innocente pague com a vida

os peccados dos filhos, essa he a dor, que mais se deve sentir, e essa deve ser toda a causa de nossa dor: *Vae nobis, quia peccavimus.*

E para que mais se admire esta verdade, para que vejamos com gloriosa evidencia, que sómente o mal de nossas culpas deve ser toda a causa de nossas lagrimas; digo que as outras razoes, sobre que atégora discorriamos, que tão longe estão de ser causas de sentimento, que antes vem a ser razoes de alivio. E se não; quaes eraõ as outras razoes? *Cecidit corona:* Cair a coroa de nossas cabeças. Duas razoes de sentimento se nos representavaõ nestas duas palavras; o preço, e apressa: o preço da coroa, que perdemos nesta occasião; e a pressa, com que a perdemos. Ora vejaõ como estas mesmas razoes, que pareciaõ ter de nossa dor, são realmente razoes de nosso mayor alivio, e nossa unica consolação. Primeyramente, se a coroa, que perdemos, era de grande preço, claro está, que era digna de igual estimação; e constando-nos, que só o throno de Deos era lugar competente a tão preciosa coroa, e que só a eterna bemaventurança era paga proporcionada a tanto preço; claro está tambem, que quem se obrigou a desejar sua mayor estimação,

ção, igualmente se obrigou a applaudir sua eterna bemaventurança. Sim; mas se a coroa cahio, como havemos festejar que cahisse a coroa? Respondo. Verdade he, que cahio de nossas cabeças; mas huma coroa tão peregrina onde podia ir parar, senão na Patria? Huma coroa tão preciosa onde podia cair, senão no Reyno? E em que Reyno mais naturalmente poderia cair huma coroa tão illustrada de graça, que no mesmo Reyno da Gloria?

Aquelles vinte e quatro anciaõs, que vio S. João no seu Apocalypse, diz o Texto que tiravaõ as coroas, que tinhaõ sobre suas cabeças, e que as lançavaõ diante do throno de Deos: *Et mittebant coronas suas ante thronum.* Se as coroas eraõ tão dignas de estimação, que as traziaõ sobre suas cabeças, porque razãõ as quizeraõ ver cahidas, depois de as trazerem tão estimadas? Porque cahiaõ na gloria do throno de Deos; e julgáraõ aquelles cortesaõs da Gloria, que nunca aquellas coroas podiaõ estar tão cabalmente estimadas, como tão gloriosamente cahidas. Consideráraõ elles, e tomáraõ o pezo ás coroas, que tinhaõ sobre suas cabeças, e conhecendo bem o valor dellas, entendéraõ, que só diante do throno de Deos

F

era

era o lugar competente a coroas tão soberanas; porque só Deos era digno da gloria de ter tão illustres coroas: *Dicentes: Dignus es Domine Deus noster accipere gloriam.* Pelo que ou pertendendo a gloria merecida das coroas, ou tributando a devida gloria de Deos, sendo certos, que tão preciosas coroas não irião cahir, senão na gloria, facilmente vieraõ, em que as coroas cahissem, pelo gosto de que se melhorassem. Mas que muyto? Eraõ Principes em fim; por isso como Principes generosos souberaõ perder o gosto proprio a troco do melhoramento alheyo: e por isso como Principes advertidos souberaõ fazer inteyra estimação das coroas, e entender, que não estavaõ as coroas tão dignamente collocadas sobre as cabeças dos homens, como estaõ diante do throno de Deos: *Et mittebant coronas suas ante thronum, dicentes: Dignus es Domine Deus noster accipere gloriam.* Esta mesma gloriosa cahida, e esta mesma felicidade, com que cahiraõ as coroas do Apocalypse, nos estaõ não só promettendo, senão tambem assegurando os grandes merecimentos do nosso Religiosissimo Prelado, e nossa preciosissima coroa. Porque, que outra cousa se póde esperar

perar de huma vida tão ajustada, e de huma morte tão prodigiosa? Que outra cousa se póde crer de quem viveo com aquella pureza tão rara de sua consciencia, e de quem morreo com aquellas evidencias tão raras de sua salvação, senão, que depois de ser coroa de nossas cabeças, se foy a gosar da coroa de seus merecimentos? E que se cahio das cabeças dos homens, foy para assentarse no throno de Deos? Logo se o melhoramento de nossa coroa deve ser causa de nossa alegria, tão longe está de ser causa de nosso sentimento o vermos cahida a nosso coroa, que antes nos devemos alegrar de a ver tão felizmente cahida; porque posto que poderamos sentir perder huma coroa de tanto preço, com tudo, como o seu mesmo preço requeria competente estimacão, e como só o throno de Deos era seu lugar competente, justo he, que fazendo da perda sacrificio, ou da força generosidade, celebremos haver perdido a coroa de nossas cabeças pelo interesse de que a nossa coroa esteja no throno de Deos.

Mayormente que se advertirmos no glorioso estado desta coroa, havemos de achar, que a não perdemos, se não que a asseguramos;

mos; porque assim como he certo, que nunca esteve tão lograda, como depois de cahida, assim he certo tambem, que o cahir de nossas cabeças não foy meyo para a perder, senão artificio para a assegurar. Em nossas cabeças estava na contingencia de cahir; no throno de Deos está livre de toda a contingencia. Em nossas cabeças ainda não era nossa, porque não estava em nosso poder o logralla; no throno de Deos já se pôde chamar nossa; porque já não poderemos perdella. Seguese logo, que a posse que tinhamos desta coroa, que verdadeyramente a não perdemos, senão que realmente a eternizamos. Em quanto aquelles anciaõs do Apocalypse tinhaõ sobre suas cabeças as coroas, não diz o Texto, que as coroas fossem suas; só diz, que tinhaõ coroas sobre suas cabeças: *Et in capitibus eorum corone aureae.* Mas tanto que tiráraõ as coroas das cabeças, e as lançaõ diante do throno de Deos, entãõ diz, que as coroas eraõ suas: *Et mittebant coronas suas ante thronum.* Cuydava eu, que só em quanto tinhaõ as coroas em si, as podiaõ ter por suas; e que já não as deviaõ ter por suas, depois de as lançar de si. Mas que assim se troquem os

termos

termos da propriedade contra o direyto da
posseſſão! Que as coroas não fossem suas du-
rante a posse, e que depois de transferido o
dominio fossem suas? Quem já mais vio ce-
der da coroa para a possuir, e querella per-
der para a assegurar? Essa he a differença,
que vay entre o que se offerece a Deos, e o
que se offerece ao mundo: o que se offerece
ao mundo, he para perderse; e o que se of-
ferece a Deos, he para melhorarſe. He o
Reyno do Ceo lugar tão proprio ainda das
coroas da terra; e he o throno de Deos depo-
sito tão seguro de coroas, que em nenhuma
outra parte podem ter as coroas segurança,
ſenaõ só no throno de Deos. Nas cabeças dos
homens ainda as coroas estão nas mãos da
morte; no throno de Deos já a morte não
tem jurisdicção sobre as coroas. E como a se-
gurança da propriedade consiste na indepen-
dencia da jurisdicção, porisso não são pro-
prias as coroas nas cabeças dos homens; e só
são suas proprias no throno de Deos. E por
isso aquelles anciaõs não avaliavaõ por suas
as coroas, que tinhaõ sobre as cabeças: *Et in
apitibus eorum coronæ aureæ.* E só quando as
asseguráraõ no throno de Deos, entaõ as ti-
veraõ

veraõ por suas : *Et mittebant coronas suas ante thronum.* O caso he taõ semelhante , que naõ necessita de applicaçãõ.

Só parece , que se poderá sentir a pressa ; porém nem ainda nesta circumstancia ha razão de nos sentirmos , senaõ de nos alegrarmos ; porque a quem vive ajustado com Deos , o apressarlhe Deos a morte he apressarlhe a bemaventurança ; e a mesma pressa , com que se lhe contaõ os dias de vida , he o meyo , com que se lhe anticipaõ os passos da eternidade. Entre a morte dos peccadores , e a morte dos justos ha entre outras esta bem notavel differença ; que de ordinario a morte dos justos he mais apressada , que a dos peccadores. A prova he bem achada em Abel , e Caim : Abel , que era o justo , teve huma morte taõ apressada , que de todo o mundo foy o primeyro homem , que pagou o tributo da morte : Caim , que era o peccador , teve huma vida taõ dilatada , que até com prodigios lhe andava Deos resguardando a vida. E qual póde ser a razão disto ? Aos peccadores he certo , que por lhes dilatar a pena , lhes costuma Deos dilatar a morte , ou esperando a emenda de nossos peccados , ou dis-

pondo

pondo a justificação de seus castigos. Pois se aos peccadores dilata Deos a vida por lhes dilatar a pena ; que havemos de dizer , se não que aos justos apressa Deos a morte por lhes apressar a gloria ? Ao menos , se bem considerarmos as maravilhosas circunstancias da morte do Senhor D. Estevão , ninguem poderá negar á vista de seus prodigios , que estava o Ceo muy delejos de premiar seus merecimentos. Mas porque não he possivel discorrer sobre todos , pondéro sómente aquella escada , que se lhe representou no mesmo dia de sua morte. Sabido he de todos o caso. E que outra cousa foy lançarlhe o Ceo escada , para que subisse , senão darlhe pressa , para que não tardasse ? Ao glorioso Martyr S. Estevão estava o Ceo taõ ancioso de o receber em si , e de lhe dar o merecido premio , que demandava taõ illustre martyrio , que estando ainda o Santo Martyr padecendo cá na terra as semrazoens , já lá se lhe estavaõ preparando , e abrindo as portas do Ceo : *Vi- Act. 6. deo caelos apertos.* Porém se se lhe abríraõ as portas , não se lhe lançou a escada. Parece que ainda quiz esperar o Ceo , que o mesmo Martyr glorioso das proprias pedras do seu martyrio

tyrio edificasse os degraos de seu triunfo. Mayor parece que foy a pressa, que se dava o Ceo no premio do Senhor D. Estevaõ; porque não só lhe abriu as portas, por onde entrasse, senão que por ellas lhe lançou a escada, por onde subisse. A Jacob he verdade que tambem se offereceo outra escada; mas com esta distincão, que esta nova escada descia do Ceo para a terra; e a escada de Jacob subia da terra para o Ceo: *Vidit scalam stantem super terram, & cacumen illius tangens cælum.* A Jacob os desejos de gosar seu proprio descanso o fizeraõ sonhar, que tinha escada da terra para o Ceo; e ao Ceo os desejos de apressar o premio ao Senhor D. Estevaõ, o fizeraõ lançar escada para a terra, para que com esta prevenção, naquelle transito felicissimo não houvesse intervallo algum entre o espirar, e o subir; senão que naquelle mesmo ponto, em que aquelle servo do Senhor espirasse, estivesse logo a ponto a escada, por onde aquella alma subisse. Pois se taõ desejoso estava Deos de lhe apressar o premio, que lhe prevenio a escada; que muyto, que lhe abbreviasse o caminho? Digase logo que a pressa da morte foy premio da vida, e que por isso quiz Deos abbreviar

breviarlhe a vida, porque quiz apressarlhe o premio.

Eis aqui como as duas razoens, que se nos representavaõ de nossa pena, foraõ para com o nosso Prelado argumentos de sua gloria; e merecendonos seu amor, que seja sua gloria, e seu augmento causa de nossa alegria, e nossa estimaçaõ; claro está, que devem ser motivos de nossa alegria aquellas, que parecião razoens de nossa pena. Quando Christo Senhor nosso houve de partirse da terra para o Ceo, vendo a tristeza, com que seus discipulos recebiaõ sua ausencia, disse-lhes desta maneyra: *Si diligeretis me, gauderetis utique; quia vado ad Patrem*: Se verdadeyramente me amareis, discipulos meus, he certo que vos naõ havieis de entristecer com a minha ausencia, senaõ alegrarvos muyto com a minha partida. Pois o sentir a ausencia naõ he amor? Sim he; porém naquella occasiaõ mais amor era estimar a ausencia. E isso porque? *Quia vado ad patrem*; porque se partia para a Gloria o nosso divino Pastor. E quando o Pastor parte a gozar da Gloria, sentir sua ausencia quem fica, he amar-se a si. Celebrar sua ausencia he amar ao Pastor. Quando quem se ausenta, parte para

G

ra

ra a Gloria , pede a obrigação do amor verdadeyro , que se prefira a gloria de quem parte á perda de quem fica. A perda de quem fica, não ha duvida , que he para sentirse ; mas a gloria de quem parte , he muyto para estimarse. E como quem bem ama deve preferir a estimação da gloria alheya á dor da perda propria ; obrigação he de amor , não só fineza , que quando a partida he para a Gloria , que se converta a pena em alegria , e que as mesmas razoens de dor se troquem em motivos de estimação. Partindose pois a gozar da eterna bemaventurança aquelle nosso taõ prezado , e taõ querido Pastor , que importa que sua ausencia seja occasião de nossa perda , se foy o meyo de sua gloria ? Devida fineza he , e amorosa obrigação , que prepondere mais para conosco a alegria de sua gloria , do que a dor de nossa perda ; porque já que lhe devemos essa fineza , que não por amor de outrem , senão só por estar com Deos , deyxá de estar conosco ; justo he , que com igual fineza nos componhamos com a nossa desgraça , e nos alegremos com a sua gloria , fazendo estimação , e sacrificio de que elle deyxé de estar conosco a troco de que gose a gloria de estar com Deos.

Tro-

Troquemse logo as causas de nossa dor em razões de nossa alegria; convertaõ-se gloriosamente as lagrimas em vivas, os sentimentos em applausos, e as tristezas em parabens; e em vez de magoados agradecidos, fazendo da obrigação fineza, ou da necessidade holocausto, rendamos a Deos eternas graças, de que sendo só a Gloria digno lugar daquelle servo seu taõ querido, se servisse de ter comsigo ao nosso querido Pastor em sua Gloria: *Dicentes: Dignus es Domine Deus noster accipere gloriam, & honorem.*

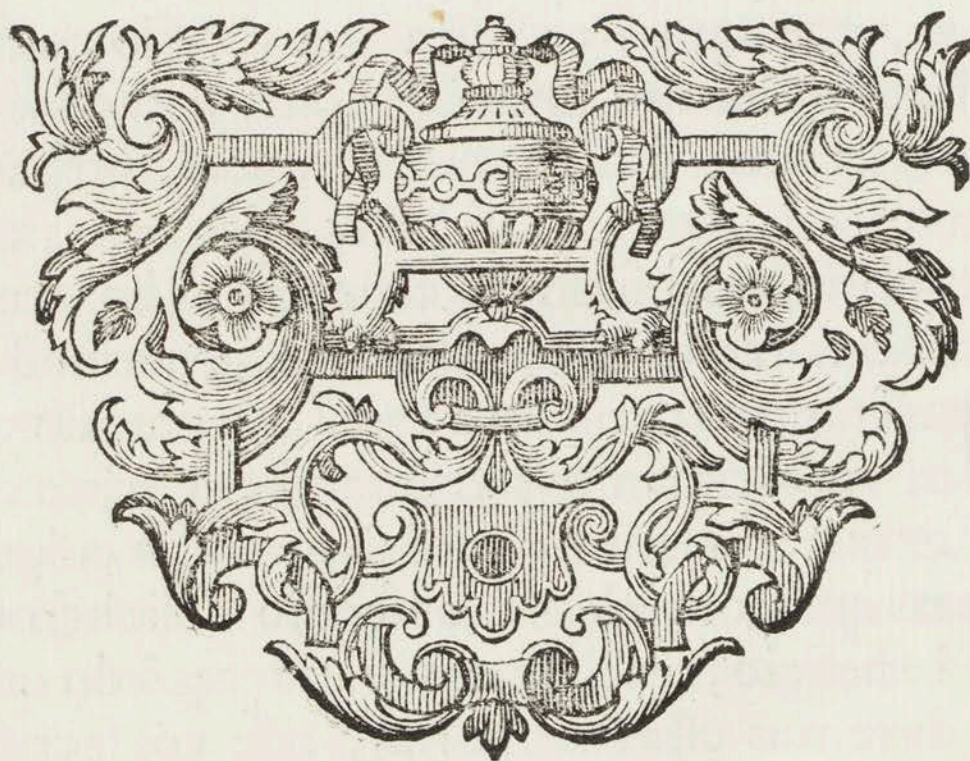
Supposto pois, que as duas razões, que se nos representavaõ de nossa dor, são mais propriamente motivos de nossa consolação; bem se segue por conclusão de todo o nosso discurso, que sómente a graveza de nossas culpas vem a ficar para causa de nossas lagrimas, e que nesta perda, que tivemos do nosso Prelado, não devemos chorar a pressa de sua morte, senão o desconcerto de nossas vidas. Já em semelhante occasião a hum servo querido seu levou o Senhor apressadamente para si; e diz a Escritura, que por duas razões: pela razão dos merecimentos propios, e pela razão dos peccados alheyos: *Placita enim erat Deo anima illius:* ^{Sap. 4.14.}

*propter hoc properavit educere illum de medio iniquitatum. Properavit educere illum: eis ahi a pressa da morte. Placita enim erat: eis ahi os merecimentos proprios. De medio iniquitatum: eis ahi os peccados alheyos. Estas mesmas duas razoes concorrêraõ igualmente para accelerar a morte deste taõ vigilante, e taõ querido servo do Senhor; seus merecimentos, e nossos peccados. A grandeza de seus merecimentos requeria, que Deos lhe anticipasse a gloria; porém os desejos, que tinha de augmentar os serviços, requeriaõ a Deos, que lhe dilatasse o premio de seus merecimentos. Nesta contenda, que traziaõ diante de Deos seus merecimentos, e seus desejos, chegáraõ ultimamente nossos peccados; e vendo o Senhor, que não mereciaõ nossos peccados, que lograssemos a ventura de hum Prelado taõ perfeyto, resolveo contra a força de seus santos desejos, que se lhe apressasse a morte tanto em premio de seus merecimentos, como em castigo de nossos peccados: *Placita enim erat Deo anima illius: propter hoc properavit educere illum de medio iniquitatum.* Assim que na brevidade desta morte temos muyto que estimar, e temos muyto que sentir: temos que estimar o premio, e temos que*

que sentir o castigo. Temos que estimar esta morte como premio de tantos merecimentos, e temos que sentir nossos peccados como causa, e merecimento desta morte. Donde fica por conclusão, que só nossos peccados devemos sentir, e só nossos peccados devemos chorar: *Væ nobis, quia peccavimus.*

Com tudo ainda para a dor de nossos peccados podemos ter nesta morte alguma razão de nosso alivio; porque podemos piamente esperar, que quem na terra nos dirigio como Pastor, no Ceo nos amparará como Advogado. Pelo que vós, ó alma ditosa, que desprezando as glorias da terra, subistes a gozar da melhor gloria, e cahindo das cabeças dos homens, vos allentastes no throno de Deos, já que nossas culpas entráraõ tambem a apressar o premio de vossos merecimentos, seja tambem parte de vossos merecimentos o perdaõ de nossas culpas; e para que com algum obsequio solicitemos este beneficio, recebey em gratificação do que vos devemos estas memorias, que vos sacrificamos: sejaõ victimas da nossa affeyção estas demonstraçoens de nosso sentimento, e já que taõ facil, e amorosamente nos compomos com a nossa sorte a troco da vossa felicidade, vivey
em-

embora, e vivey eternamente, ó espirito ditoso, mas lembrado de nossa sorte. E pois nos merece vosso amor, que tanto se immortalize vossa memoria nos coraçõens, em que vivestes, como na bemaventurança, a que subistes, vivey eterna, e gloriosamente por saudade em nossos coraçõens, e na gloria, que confiamos gozais, por toda a eternidade.



empois e vivey eternamente, o espirito deo-
 to, mas lembrado de nossa sorte. E pois nos
 merece vello amor, que tanto se immortaliza
 vossa memoria nos corações, em que vivey-
 tes, como na bemaventurança, a que subistes,
 vivey eterna, e gloriosamente por laudade em
 nossos corações, e na gloria, que conquistamos
 por todos os eternidades.



